



A Comunicação entre Culturas: Dialogo das Técnicas Circenses com a Musicalidade da etnia Indígena Kambeba¹

Daniel Carlos Rodrigues de Souza²
Viviane Menna Barreto³
Faculdade Estácio FAP, Belém, PA

Resumo:

Este artigo se propõe a analisar o projeto Caeté elaborado pela Cia. Circense Fênix, grupo circense de Belém-PA, que tem como proposta atrelar a linguagem cênica circense com a musicalidade da etnia indígena Kambeba, por meio da exploração e pesquisa de meios que possam fazer a ligação entre os sons da etnia Kambeba, divulgada pela cantora e pesquisadora Marcia Wayna, indígena do povo Kambeba, com as técnicas utilizadas no meio circense. O trabalho tem o objetivo de fomentar a pesquisa em volta da cultura amazônica paraense para produzir um espetáculo que traduza elementos da cultura indígena para a linguagem circense.

Palavras-chave:

Comunicação; técnicas circenses; musicalidade Kambeba; tradução intersemiótica.

A cultura circense

O conceito de cultura vem sendo modificado a tempos para, Tylor, Lintom, Boas e Malinowski a cultura são as ideias, para Kroeber e Kluckhohn, Beals e Hoijer, ela é a abstração do comportamento, para Keesing e Foster é o comportamento aprendido, para Leslei A. White a cultura deve ser vista como algo fora do organismo, Geertz a define como mecanismo de controle do movimento. A cultura pode ser analisada por vários enfoques; ideias, crença, valores, normas, atitudes, abstração de comportamento, instituições, técnicas, artefatos.

¹ Trabalho apresentado no INTERCOM JR no Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2014.

² Graduando do Curso de Jornalismo da Faculdade Estácio FAP, email: dancasouza6@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da faculdade Estácio FAP, email: vivimenna@uol.com.br



E a cultura circense pode também ser vista sob vários aspectos, quando espectadores formulem a ideia de ser um mundo onde se realizam sonhos, e quando os acrobatas se identificam como os propagadores destes sonhos, quando é passado o conhecimento de pai para filho ou para outras pessoas, e como é passado os conhecimentos de como montar e desmontar uma lona, quando os seus equipamentos são vistos como instrumentos de trabalho isso e muito mais define a cultura circense.

O objetivo deste artigo é analisar as formas possíveis de se realizar uma aproximação entre os sons dos rituais da etnia Kambeba, divulgada pela cantora e pesquisadora Marcia Wayna, indígena do povo Kambeba, com as técnicas utilizadas no meio circense.

Desde a antiguidade têm-se registros de pessoas que animavam o público com apresentações que desafiavam as leis da física, na Roma e na Grécia antiga tem histórias de artistas que encantavam a todos com espetáculos que mostravam homens muito fortes e pessoas que podiam cuspir fogo, seriam os percussores da arte de circense. Segundo Duprat e Bortoleto (2007), foi entre os séculos XVIII e XIX que o circo apareceu e estruturou-se como uma arte, destacam-se nessa época, as demonstrações equestres em espaços fixos como anfiteatros e teatros, espetáculos com estrutura e rigor militar, bem diferente das características que podemos observar entre os saltimbancos, equilibristas, saltadores e comédicos da Idade Média.

Foi nesse período que o circo passou a ser apresentado em baixo de lonas, pois nem sempre se encontrava lugares apropriados para as apresentações, assim acabavam sendo feitas ao ar livre, passou a ser formado também por famílias que mantinham a cultura viva, passando o conhecimento entre gerações oralmente. Nesta época não era importante para esses artistas um conhecimento teórico da sua ou de outras culturas, pois as apresentações tinham apenas o intuito de animar o público mostrando suas habilidades sobre humanas.

Com o passar dos anos muitos circos passaram a se fixar em um local, criando verdadeiras escolas onde o conhecimento desta arte deixa de ser passado apenas de pai para filho, e passa a ser experimentado por outros artistas e até mesmo por pessoas que não tinham estudado nem tipo de arte antes.

“O contato entre os artistas tradicionais do circo e a vanguarda do teatro resulta na criação de um novo conceito, o de circo como arte. Nele a dança clássica, a música e o teatro começam a fazer parte do currículo artístico. São criadas formas de espetáculo com temas, criam-se novos aparelhos, novos espaços, nova gestualidade, novas técnicas. Diretores



de teatro são chamados para dirigir os espetáculos e músicos fazem composições especiais sob medida, toda uma revolução. São as primeiras visões do circo novo”.(Duprat e Bortoleto, Ibid.)

Assim surgiu uma nova forma do fazer circense e além de apenas demonstrações de grandes habilidades o circo passou a produzir espetáculos que uniu a grandiosidade de suas técnicas com o lúdico que veio do teatro e a plasticidade da dança, além de muitas outras novas formas que poderiam abrihantar suas produção. A partir dai passaram a serem criados espetáculos temáticos, criando uma nova perspectiva de como demonstrar a beleza circense.

Atualmente são muitos os grupos circenses que buscam envolver esta arte com outras linguagens cênicas, mostrando os belos resultados que podem ser apreciados pelo publico em geral, assim como preocupações em incentivar os estudos científicos desse meio artístico e analisar as influencias sociocultural da mesma. Foi com o pensamento de mostrar a mistura do circo com a musicalidade indígena que a Cia. Circense fênix desenvolveu o projeto Caeté que busca divulgar estas duas artes tão poucas exploradas. O circo que apesar de ser uma arte milenar, tem poucos estudos científicos em volta dele e a musicalidade indígena que também é uma cultura pouco assistida.

A Cia. Circense Fênix é um grupo de circo que tem dois anos e três meses de existência, tem como foco o desenvolvimento da arte circense, sempre buscando novos meios de reinventa-la fomentando saberes científicos em volta dessa arte e a utilizando também para incentivar o conhecimento em volta das muitas culturas existentes. A companhia já realizou trabalhos com grande visualidade no meio artístico de Belém do Pará como o projeto Gran Circo Curro Velho, que oferece oportunidade de divulgação de obras e espetáculos de outros grupos artísticos, envolvidos com o circo ou não, durante a semana que comemora o dia do circo. O grupo faz também apresentações em eventos como forma de retorno financeiro para o grupo e seus integrantes. O grupo possui atualmente um espetáculo de produção própria com nome “A Noiva” que foi inspirado no filme “A Noiva Cadáver” de um conto russo judaico.

A metodologia de pesquisa é qualitativa e as técnicas adotadas são entrevista em profundidade e pesquisa documental e bibliográfica.

O conto A noiva cadáver, primeiro exercício de tradução



Relata a história de um homem solitário que andava distraidamente pela rua e acidentalmente tropeça onde se encontrava enterrada uma mulher que havia morrido, a algum tempo, a espera de um noivo. Quando o fato acontece a noiva retorna a vida e o toma como noivo levando-o para o mundo dos mortos.

A adaptação cinematográfica do conto reproduzida em animação gráfica. Começa falando de duas famílias que iriam unir seus filhos em matrimônio, por puro interesse financeiro a família de Victor o noivo por ser uma família com dinheiro, mas sem status social e a família de Vitoria a noiva tem status porém estão falidos, os dois jovens não tinham muita esperança quanto ao casório, porém se apaixonam a primeira vista se animam com a união e aceitam casar.

Nos ensaios para o casamento Victor demonstra uma péssima atuação ao não conseguir memorizar os seus votos, envergonhado ele foge chegando à floresta ele tenta relembra os votos quando consegue pronuncia-los com perfeição põe a aliança em um galho imaginando a mão de sua noiva, no entanto era a mão de Emily uma noiva cadáver que estava enterra da ali. Ele desperta ela ao recitar os votos Emily, a noiva cadáver, pensou que Victor havia pronunciado seus votos para ela, assim acreditou que ele seria o noivo a muito esperado, ela se aproxima e o beija, com tanto medo que estava de presenciar aquela cena Victor desmaia.

Quando acorde ele ver que não esta na floresta e sim no mundo sobrenatural. Victor percebe que apesar de seu medo os seres que ali vivem não eram zumbis e fantasmas apavorantes e sim muito amigáveis e atrapalhados, começando pela sua suposta noiva. Enquanto isso, no mundo dos vivos os pais de Vitoria não tinham mais paciência nem dinheiro para esperar por Victor e decidem casar ela com Lorde Barkis um trapaceiro que se dizia um parente distante que chegou de ultima hora.

No mundo dos mortos Victor procura um jeito de sair de lá, e convence Emily a leva-lo a uma espécie de chamam, com a desculpa de se despedir dos pais, para ensina o caminho de ida e volta. Ao chegar no mundo dos vivos Victor tenta escapar de sua noiva cadáver para encontrar seu amor, quando ele a encontra ela diz que já esta noiva de Lorde Barkis, e que iriam se casar logo por causa de seus pais. Decepcionado Victor decide se casar com Emily, no entanto eles descobrem que para isso poder acontecer Victor teria beber uma “porção” que resolveria que mataria permitindo assim ficar com Emily.



Durante a cerimônia que acontece no mundo dos vivos, Emily vê a amada de Vitor e se comove entregando ele a ela na igreja. E descobrem que lord Barkis foi o responsável pela morte de Emily, por sua petulância, em querer brindar o seu feito sem nunca ser pego, ele acaba tomando a porção no lugar de Victor. Quando descobre a verdade Emily se liberta da necessidade de um noivo e encontra a felicidade se transformando em um panapanã de borboletas.

A noiva

A tradução feita pela Cia Circense Fênix aborda em sua totalidade os dois textos citados criando um diálogo com eles, do conto e retirado o foco na história de uma noiva cadáver que encontra em um desavisado a oportunidade de se casar, do filme é traduzido os signos verbais e não verbais que o compõem para a arte circense como o ambiente da história para traduzir a mudança de mundos ou apenas a mudança de ambiente no mundo em que estejam o grupo utiliza a iluminação que muda de uma atmosfera para outra. A ordem dos fatos no espetáculo é a mesma do filme, com a diferença de que o diálogo textual foi quase que extinto, sendo traduzido pelos números acrobáticos em cada cena.

O espetáculo inicia com Victor já na floresta ensaiando seus votos (a proposta era focar no ponto principal da história a noiva cadáver em busca do amor, por isso os pais dos noivos e outros personagens foram deixados de lado) na primeira cena o público imagina se tratar de um espetáculo de terror, um lugar com pouca iluminação um sons amedrontadores de fundo, Victor ensaia os votos e quando os cita perfeitamente ele põe em um galho imaginado ser a mão de sua noiva.

A tradução para a linguagem circense começa nesta parte, quando Emily se revelar não um galho mais um cadáver. Na cena do filme a noiva cadáver flutua na frente de Victor, tendo em sua volta vários corvos. A adaptada foi pensada da seguinte forma, a noiva cadáver estava oculta por uma panada que cobria o trapézio onde ela estava e os corvos, que eram representados por acrobatas, iniciam uma coreografia, assim que ele coloca aliança no dedo de Emily revelando o trapézio e ela apresenta o primeiro número aéreo do espetáculo. Assim como no filme ao surgir a noiva cadáver beija Victor ele desmaia e toda iluminação se apaga.

É na segunda cena que o espetáculo se revela uma comédia quando aparece o recepcionista de Victor no mundo dos mortos, um palhaço “zumbi”, muito atrapalhado (ele também é a tradução de um personagem, no filme o personagem é uma caveira



cheia de estilo) por meio de uma trilha sonora, que é utilizada no filme, ele conta a história da noiva que morreu a espera do seu amor e como ele recitou os votos com tanta perfeição, diante dela, era a alma gêmea tão esperada. No decorrer das cenas é possível perceber os muitos signos utilizados no filme que são traduzidos com sucesso para a linguagem circense, sem perde o foco na história.

A cena do casamento de Vitoria com Lorde Barkis algo que ela foi obrigada a fazer, é representada por um numero de força onde o personagem do lorde obriga Vitoria a fazer os movimentos acrobáticos. Quando Victor descobre o casório de Vitoria com Barkis e decide casar com Emily a noiva cadáver, a declaração de amor entre eles e feita por meio de um numero de tecido aéreo onde eles realizam acrobacias juntos no aparelho se beijando no final. A alegria dos habitantes do mundo dos mortos ao preparem tudo para o casamento é mostrada com o numero de malabares.

A cena que mostra a morte do Lorde Barkis é quase a mesma do filme, o dialogo é o mesmo, com algumas adaptações feitas no texto pelos atores para ter um maior teor de comedia utilizando objetos da nossa cultura, porem diferente do filme a morte dele não é mostrada apenas com ele bebendo o liquido que serviria para unir Victor a Emily de uma vez. Nesta cena os zumbis fazem uma coreografia que é realizada enquanto Barkis morre e no final eles o arrastão para o mundo inferior.

Liberdade de Emily ao descobrir a verdade é representada por um numero que envolve quatro tecidos aéreos, onde os acrobatas representam o panapanã de borboletas que ela se transforma.

A tradução

A análise do espetáculo “A noiva” é feita a partir das ferramentas da tradução intersemiótica e vai ser a partir da tradução intersemiótica que pode ser analisado os estudos do projeto da Cia Circense Fênix que vai pesquisar as formas que pode ser traduzida a cultura Kambeba.

Inicialmente a tradução intersemiótica é definida por Jakobson (1991) como a interpretação de signos verbais por meio de sistema de signos não verbais, ou seja, ele considerava apenas tradução intersemiótica quando um texto literário é traduzido para um espetáculo, por exemplo.

Porém Plaza (2003) amplia o conceito de tradução e estende a análise de para a observação e avaliação do processo tradutório, quando insere em seus estudos a



semiótica de Pierce. Assim ele define a tradução intersemiótica como tradução entre os diferentes sistemas de signos. Plaza apresenta um método de natureza triádica já que tem base no princípio semiótico de Pierce. Para ele os signos podem ser analisados a partir de uma relação triádica: em si mesmo, no seu poder de significar; na sua referencia aquilo que ele indica, refere ou representa; e nos tipos de efeito que pode produzir em seus receptores.(Pierce apud Santaella, 2004:5)

A representação ocorre de três formas: Icônica que é fundamental no princípio de semelhança de estrutura, ela vai produzir os significas a partir da aparência entre ela própria e o seu original; Indicial nesta é considerado o contato entre o original e sua tradução neste o texto original e apropriado para outro meio; Simbólica ela vai se relacionar com o objeto a partir de uma convenção, ela opera apenas onde for definido.

Os Kambebas

Os índios Kambeba são oriundos do estado do Amazonas. Há algumas famílias na cidade de Manaus e várias outras no alto Solimões em terras Ticuna. Fontes dos Kambeba confirmam a existência de 223 famílias no Alto Solimões/AM o que elevaria a população Kambeba em território brasileiro para 1.500 pessoas aproximadamente. Segundo (Marcia Wayna,2014) com base no diário de Samuel Fritz, indígenas Kambeba vieram foragidos para Belém-PA devido a epidemias que atacavam a região e as matanças no período da guerra do Paraguai, pois os índios que se negassem a guerrear eram mortos pelos militares, e devido a esses fatos alguns índios decidiram deixar o seu lugar de origem e buscar sobrevivência no estado do Pará. Foram cerca de 700 índios que remaram em sua canoas do Amazonas à baía do Marajó onde alguns foram para a ilha do Marajó e a outro se refugiaram no nordeste do Pará.

Os indígenas possuem uma cultura onde tudo tem ligação com a natureza. O modo de se vestir, a pintura feita em seus corpos, suas danças e sua musica todos estes signos estão ligados à natureza e passam uma mensagem de valorização de sua cultura e da natureza que é seu habitat e merece ser tratado com respeito. O povo Kambeba busca mostra sua identidade através de suas musicas e danças que normalmente é responsabilidade das mulheres o constate desenvolvimento dessas artes.

O imaginário Kambeba tem uma grande ligação com sua musica, e dança, pois é através dessas linguagens artísticas que o indígena entra em contato com o sobrenatural, como o canto do pajé que expulsa os maus espíritos, além de muitos outros rituais que ligam



esse povo aos elementos de seus mitos. Os rituais ligam os Kambebas ao que para eles é sagrado, esses ritos explicam a realidade e a origem desse povo. São três mitos que configuram uma grande importância para os Kambebas; o primeiro fala da origem deles de uma gota d'água, o segundo da relação deles com a igreja católica e o terceiro fala da relação com o curupira o ser protetor da natureza.

Segundo (Marcia Wayna,2013), com a dança os indígenas expressam em cada movimento os seus sentimentos com um significado em cada movimento e chamando através deles os animais sagrados e seres sobrenaturais que fazem parte do seu imaginário. Cada povo tem uma forma de dançar para realizar seus rituais, o povo Kambeba sempre dança em círculos de mãos dadas, como uma representação da sua união, e de sua igualdade e como uma representação também de sua facilidade para estabelecer uma comunicação interna. Sua cultura também é divulgada através da sua música com instrumentos musicais feitos manualmente por eles, utilizando pele de animais, bambu, sementes e cuias, elementos que possam ser retirados da natureza. Esses instrumentos são usados em rituais e servem para guiar os índios na ligação com os elementos de sua crença, por meios dessa musicalidade que permite o contato com os sons da natureza.

Esta musicalização da cultura Kambeba é feita normalmente pelas mulheres que tem suas vozes comparadas a flor de sumaumeira que ganham força e enraízam uma forma de conscientização da importância desta cultura tão esquecida. A musicalização indígena transmitida pelas vozes das mulheres desta cultura é uma forma de fomentar a esta arte objetivando dar voz e rosto a essa cultura que aos poucos vem sendo deixada de lado. Fazendo com que o mundo ouça a cultura desse povo e passe a dar a importância que ela realmente merece.

A tradução da cultura indígena

Existem poucas pesquisas principalmente do meio circense envolta da cultura da nossa região e foi com o intuito de incentivar estas pesquisas envolta da cultura amazônica paraense, mostrando a beleza e a plasticidade que pode ser obtida por meio da união destas duas culturas, que a Cia circense fênix desenvolveu o projeto Caeté. Que tem como metodologia e suporte o trabalho de pesquisa em volta dessas duas linguagens oficinas que vão desenvolver técnicas de contato e improvisação, dança contemporânea, e dança moderna, todas atreladas ao circo e a música Kambeba. Por meio dessas



oficinas com auxílio da cantora e pesquisadora Marcia Wayna Kambeba o grupo vai aprofundar seus conhecimentos sobre a cultura indígena, e sobre a musicalidade Kambeba fazendo aulas práticas e teóricas onde vão poder entrar em contato com uma visão científica dessa cultura com estudos da antropologia cultural que tem como ponto principal os indígenas.

A musicalidade indígena proporciona um amplo campo de signos que possibilita a exploração tradutória destes signos a partir de métodos presentes na pesquisa do projeto. A dança contemporânea é uma linguagem que busca explorar os movimentos corporais, o envolvimento que o dançarino pode fazer de vários movimentos a técnica a que ele estiver utilizando. As oficinas deste tipo de dança vai permitir ao artista o estudo da forma mais adequada a traduzir os sons de sopros que são tirados de folhas, apitos e flautas para as técnicas de acrobacias aéreas feitas em rede corda indiana, tecido acrobático e faixa. Estes equipamentos são totalmente maleáveis e adaptáveis ao corpo possibilitando o artista uma liberdade de movimentos e até mesmo a criação deles.

Outra técnica é do contato e improvisação a partir destas os acrobatas vão adaptar os sons da maracas as acrobacias circenses de solo técnicas circenses que se baseia na força e na flexibilidade. Os trabalhos de contato e improvisação vão servir para os artistas criarem uma consciência corporal os fazendo aprender os limites do próprio corpo tanto em força como em possibilidades de movimento. Possibilitando uma maior plasticidade ao traduzir o som da maraca.

Vão ser feitos também os trabalhos de exploração voltados para os sons dos tambores e de cuias, onde a partir da dança moderna vai ser estudado formas de traduzir estes sons para as técnicas de paradismo e equilibrista essas técnicas são respectivamente voltadas, para o equilíbrio do artista em suas mãos e para o equilíbrio do artista sobre objetos e de objetos sobre outros objetos.

A cantora e pesquisadora Marcia Wayna Kambeba vai auxiliar o grupo nas pesquisas teóricas dando as informações necessárias para que o desenvolvimento do trabalho seja feito de maneira objetiva, mediando junta a companhia a melhor forma da utilização da musicalidade Kambeba.



REFERÊNCIAS

<<http://www.circonteudo.com.br>>

Bortoleto, M. A. C.; Duprat, R.M. **Educação física escolar, pedagogia e didática das atividades circenses**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 28, n. 2, p. 171-189, jan.

2007. Disponível em:

<<https://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/63>> Acesso em: 23 mar. 2014.

CIA. CIRCENSE FÊNIX; **Projeto Caeté**, Belém. [s.n.], 2014

Mascarenhas, R. O. O AUTO DA COMPADECIDA EM TRANSMUTAÇÃO, a relação entre os gêneros circo e auto traduzida para o sistema audiovisual. 2006. 151f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Estadual do Ceará, Universidade Estadual do Ceará, 2006.

Povos indígenas no Brasil <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kambeba/318>>

Silva, M.V. **Mulher indígena e a arte musical**. [s.l.: s.n.], 2013

Silva, M.V. **Reterritorialização e identidade do povo omágua-kambeba na aldeia tururucari-uka**. 2012. 176f. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal do Amazonas, Universidade Federal do Amazonas, 2012. Disponível em: <<http://www.ppgg.ufam.edu.br/attachments/article/33/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Marcia%20Vieira%20da%20Silva.pdf>> Acesso em: 23 mar. 2014.